



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

RENATA NUNES SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

GUARABIRA/PB  
2023

RENATA NUNES SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso  
Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Letras – Língua  
Portuguesa, do Centro de  
Humanidades, da Universidade  
Estadual da Paraíba.

**Área de concentração:** Literatura,  
identidade e alteridade.

**Orientador:** Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

GUARABIRA/PB  
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Renata Nunes da.

A representação da violência e do preconceito contra a mulher negra no conto "Maria", de Conceição Evaristo [manuscrito] / Renata Nunes da Silva. - 2023.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Literatura afro-brasileira. 2. Conceição Evaristo. 3. Olhos d' Água. 4. preconceito. 5. violência. I. Título

21. ed. CDD 800

RENATA NUNES SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO CONTRA A  
MULHER NEGRA NO CONTO "MARIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento de Letras, do Curso de  
Letras-Português, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
licenciada em Letras-português.

**Área de concentração:** Literatura,  
identidade e alteridade.

Aprovada em: 23 / 11 / 2023

**BANCA EXAMINADORA**

*Olavo Barreto de Souza*

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)  
(Universidade Estadual da Paraíba)

*Rosângela Neres de Araujo da Silva*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres de Araujo da Silva (Examinadora)  
(Universidade Estadual da Paraíba)

*Kátia Barros de Macedo*

Prof.<sup>a</sup> Me. Kátia Barros de Macedo (Examinadora)  
(Universidade Estadual da Paraíba)

## Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus. Segundo, a todas as mulheres, em especial às mulheres guerreiras e batalhadoras de minha família e, também, às mulheres que sofrem todo e qualquer tipo de preconceito, em especial as negras e marginalizadas pela sociedade. Por fim, dedico *In Memoriam* à *Rayssa Katyelle de Sá Silva*, vítima de feminicídio no decorrente ano da escrita deste trabalho.

## **Vozes Mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas e sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas  
vozes  
recolhem em si  
as vozes mudas caladas,  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2017, p. 24-25)

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me sustentado até aqui, sem ele nada poderia realizar. Gratidão por me mostrar diariamente que ter fé é crer naquilo que não é visível aos olhos, mas se crê no íntimo do seu coração, o tempo d'Ele é perfeito, visto que “todas as coisas têm o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Eclesiastes.3,1). Deus é bom o tempo todo.

Aos meus pais, Renato e Josecleia por toda dedicação, ajuda e amor a mim dedicado. Mesmo com pouca instrução e conhecimento, nunca mediram esforços para que seus filhos pudessem estudar. A minha mãe, que por diversas noites ficou acordada, cuidando da minha filha, aguardando meu retorno, para poder descansar depois de um longo dia de trabalho. Vocês são meu orgulho, amo vocês.

A minha filha, Elloá Vitória, o motivo pelo qual me mantive firme e relutante a não desistir em meio a tantas adversidades e dificuldades: (distância, cansaço, ansiedade, medo). Filha, sempre será por você.

Ao meu companheiro, Rodrigo, o meu ponto seguro durante essa árdua jornada acadêmica, obrigada pela compreensão, dedicação e todo o incentivo, gratidão por não soltar a minha mão, por me encorajar todas às vezes que cogitei em desistir.

A minha turma de iniciação na UEPB 2017.1, assim como as demais turmas as quais me acolheram após um período afastada da instituição, sou grata a Deus por cada pessoa ao qual tive o prazer de conviver durante esta trajetória. Levo comigo não somente o conhecimento acadêmico adquirido durante a graduação, também as amizades e ensinamentos de cada indivíduo que direta ou indiretamente fez parte desta jornada. Em especial a minha amiga e colega de turma Lidiane, obrigada por tantos conselhos e por ouvir minhas lamentações durante a escrita desta pesquisa, foi compartilhando e ouvindo uma à outra que conseguimos chegar até o final deste caminho.

Ao meu amigo, Anízio Manuel, por ter me ajudado durante toda a minha trajetória acadêmica, desde a nossa saída de Araruna até os cafés compartilhados, assim como as lágrimas derramadas, serei eternamente grata por sua amizade e dedicação.

A todos os professores (e Ex-Professores) do Curso de Letras Português da UEPB (campus III) aos quais tive a feliz oportunidade de conhecer e que tanto contribuíram para minha formação acadêmica e humana. Em especial ao professor, Olavo Barreto de Souza, professor que tive a felicidade de conhecer na banca de defesa de uma amiga e companheira acadêmica, a ele meus mais sinceros agradecimentos: primeiro, por aceitar ser meu orientador, segundo, por toda paciência e dedicação as minhas correções e ajuda durante o processo de produção deste artigo e conhecimento. À professora Rosangela Neres e Suely Costa, por me mostrarem que através da literatura podemos viajar por continentes reais e imaginários, construindo pensamentos e opiniões acerca de assuntos importantes para nossa construção como cidadãos. Agradeço por desconstruírem toda imagem errônea ao qual eu tinha da literatura e principalmente por me encaminharem para qual área desejo seguir.

Por fim, agradeço mais uma vez ao criador e a vida por me proporcionar a oportunidade de me encontrar profissionalmente, também quero deixar registrado aqui meus agradecimentos a todas as pessoas que diminuem a

licenciatura como carreira profissional e que tantas vezes me pediram para mudar de curso, “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”.  
(Paulo Freire)



## SUMÁRIO

1 Considerações Iniciais .....	11
2 Os desafios da representatividade negra .....	12
3 Maria Conceição Evaristo de Brito: trajetória bibliográfica .....	14
4 A escrita e a vivência: A “escrevivência” de Conceição Evaristo .....	16
4.1 Literatura Afro-brasileira e a escrita Feminina .....	17
4.2 Violência de Gênero e Preconceito Étnico-Racial .....	18
4.3 “Maria” e a Representatividade da Violência contra a Mulher Negra .....	21
4.3.1 Violência Física .....	25
4.3.2 Violência Simbólica .....	26
4.3.3 A Violência física e simbólica – Uma análise do conto “Maria” .....	26
5 Considerações Finais .....	27
6 Referências .....	28

## A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Renata Nunes Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A literatura afro-brasileira tem sido uma fonte rica de investigação, principalmente no que diz respeito às representações sociais, políticas e culturais que abordam as experiências das comunidades afrodescendentes no Brasil. Dentro desse campo, a análise da representação da mulher negra torna-se fundamental, principalmente no que diz respeito às interseções de gênero, raça e classe. O conto "Maria" da escritora Conceição Evaristo surge como uma expoente dentro deste tema, demonstrando a realidade vívida de muitas mulheres negras em nossa sociedade. Diante disso, a presente pesquisa propôs-se a investigar a representatividade da violência e do preconceito sofrido pela mulher negra, baseado na análise do conto “*Maria*”, presente na antologia *Olhos d'água* da escritora Conceição Evaristo. Para tanto, teve como objetivo central compreender como o narrador utiliza-se de suas narrativas para denunciar e problematizar a opressão que a mulher negra enfrenta no cotidiano brasileiro. Para isso, utilizamos do referencial teórico baseados em autores que discutem a literatura afro-brasileira e a contextualização histórica como, Eduardo de Assis Duarte (2011), Homi Bhabha (1998) e Silvio Almeida (2019), e também em teóricas do feminismo negro, como Bell Hooks (2013), Oliveira (2009) e a própria Evaristo (2016), também com autores que tratam dos diversos tipos de violências existente no conto, Queiroz (2008) Bourdieu (2002) e Silva (2018), entre outros em destaque no referencial bibliográfico. Esses autores forneceram ferramentas teóricas para interpretar o conto em sua profundidade, evidenciando como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e denúncia contra as opressões vivenciadas pela mulher negra. Como resultados, o estudo presente nesta pesquisa revelou que o conto “*Maria*” não apenas expõe as múltiplas formas de violência enfrentadas pela protagonista, mas também ressalta a relevância da escrita de uma mulher negra para ecoar a voz de muitas outras. Conceição Evaristo, por meio de sua narrativa, denuncia as opressões estruturais e cotidianas, mas também celebra a força e a capacidade da mulher negra de reinventar-se e resistir. A literatura, neste caso, afirma-se como um meio de denúncia, reflexão e, acima de tudo, a resistência da autora frente a um sistema opressor.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo, Olhos d' Água, preconceito, violência.

### ABSTRACT

Afro-Brazilian literature has been a rich source of investigation, especially with regard to social, political and cultural representations that address the experiences of Afro-descendant communities in Brazil. Within this field, the analysis of the representation of black women becomes fundamental, especially with regard to the intersections of gender, race and class. The short story "Maria" by writer Conceição Evaristo appears as an exponent within this theme, demonstrating the vivid reality of many black women

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (língua portuguesa) pela Universidade Estadual da Paraíba (Campus III). E-mail: renata.nunes.silva@aluno.uepb.edu.br

in our society. Given this, this research proposed to investigate the representation of violence and prejudice suffered by black women, based on the analysis of the short story "Maria", present in the anthology *Olhos d'água* by the writer Conceição Evaristo. To this end, the central objective was to understand how the narrator uses his narratives to denounce and problematize the oppression that black women face in everyday Brazilian life. To do this, we use a theoretical framework based on authors who discuss Afro-Brazilian literature and historical contextualization such as Eduardo de Assis Duarte (2011), Homi Bhabha (1998) and Silvio Almeida (2019), and also on black feminist theorists, such as Bell hooks (2013), Oliveira (2009) and Evaristo herself (2016), also with authors who deal with the different types of violence in the story, Queiroz (2008) Bourdieu (2002) and Silva (2018), among others highlighted in the bibliographic reference. These authors provided theoretical tools to interpret the story in its depth, highlighting how literature can be a tool of resistance and denunciation against the oppression experienced by black women. As a result, the study present in this research revealed that the short story "Maria" not only exposes the multiple forms of violence faced by the protagonist, but also highlights the relevance of writing by a black woman to echo the voice of many others. Conceição Evaristo, through her narrative, denounces structural and everyday oppression, but also celebrates the strength and ability of black women to reinvent themselves and resist. Literature, in this case, asserts itself as a means of denunciation, reflection and, above all, the author's resistance to an oppressive system.

**Keywords:** Afro-Brazilian literature, Conceição Evaristo, *Olhos d'Água*, prejudice, violence.

## 1 Considerações Iniciais

Este trabalho consiste em uma investigação sobre a violência e o preconceito étnico-racial enraizados na sociedade brasileira, partindo da análise literária da escrita feminina afro-brasileira da escritora Conceição Evaristo, tais práticas racistas podem ser consideradas como reflexos de uma história que carrega em sua construção traços da escravidão e do colonialismo, sistemas de poder que perpetuaram desigualdades e injustiças. Esses conceitos, que se manifestam de diversas formas, desde a violência física até a simbólica, tem na mulher negra uma de suas vítimas mais recorrentes, tornando-a alvo de uma opressão duplamente agravada: pelo gênero e pela raça.

Nesse contexto, a escrita feminina na literatura afro-brasileira emerge não apenas como um ato de resistência, mas também como uma ferramenta de denúncia, reflexão e consideração de espaço e voz. As autoras negras, ao longo das décadas, têm utilizado da literatura como meio de expressar suas vivências, desafios e sonhos, contribuindo significativamente para a riqueza e diversidade do cânone literário brasileiro.

A literatura afro-brasileira tem se mostrado como um espaço imprescindível para as expressões de vivências históricas e desafios enfrentados pela população negra no Brasil. Nesse panorama, Conceição Evaristo destaca-se por sua narrativa que reflete profundamente a vivência da mulher negra no país. O conto "Maria" é uma exemplificação dessa habilidade narrativa, onde Evaristo tece uma trama que não conta apenas uma história, mas também revela as múltiplas camadas da realidade vivida pelas mulheres negras e subalternizadas na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo, uma das autoras apresentada como vozes proeminentes dessa literatura, em seu conto "Maria", tece uma narrativa que encapsula as complexidades e nuances da experiência da mulher negra no Brasil.

Diante disso, surge a necessidade de ressaltar alguns aspectos de contextualização para a construção desse trabalho, a fim de configurar nossa trajetória investigativa. Portanto, temos como objetivo geral analisar a representatividade da violência e do preconceito contra a mulher negra apresentadas pela escrita de Conceição Evaristo, dentro do conto "Maria".

Metodologicamente, esse trabalho configura-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, com ação crítico-interpretativa sobre o objeto literário selecionado. De acordo com Paiva (2019) "[...] pesquisar é uma tarefa de investigação de forma sistemática com a finalidade de resolver problemas ou construir conhecimentos sobre determinados conceitos". Nesse sentido adotaremos duas formas de análise sistemática, como orienta Candido (2006), o comentário e a interpretação, pois um complementa o outro, assim se dará o dinamismo metodológico no decorrer da pesquisa, que tem como foco principal a análise e interpretação do conto destacado.

A relevância e importância da abordagem dessa temática na sociedade contemporânea são inquestionáveis, uma vez que essas práticas racistas e violentas continuam a afligir nossa realidade cotidiana. Este estudo não se limita a uma análise superficial da obra de Conceição Evaristo; vai além ao explorar como sua escrita autêntica que se constitui como um desafio aos estereótipos e preconceitos profundamente enraizados na sociedade.

Mediante a relevância de uma investigação a respeito da autoria feminina na literatura afro-brasileira, principalmente a de autoria negra, buscaremos desenvolver os questionamentos apontados dentro do âmbito da narrativa e da escrita de Evaristo, utilizando como principal objeto de estudo a violência e o preconceito explícito em suas narrativas, em especial na obra selecionada.

Desse modo, a divisão da pesquisa dá-se em três momentos, seguindo da seguinte maneira; considerações iniciais, que contextualiza, objetiva e norteia o trabalho, transcorrendo de uma contextualização histórica com apontamentos do preconceito na contemporaneidade, descrição dos aspectos bibliográficos da autora e de sua escrita, seguimos com a análise do conto escolhido e da identificação das violências existente na narrativa. Por fim, apresentamos as considerações finais, destacando os resultados alcançados, e as referências utilizadas durante todo o processo de pesquisa.

## **2 Os desafios da representatividade negra**

Independentemente de o multiculturalismo está atualmente em evidência na nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem mesmo de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto de sala de aula pode ser modificado ao proporcionarmos uma experiência efetiva de inclusão. A esse respeito a autora Bell Hooks, (2013) pontua:

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos, possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidades-, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar (Hooks, 2013, p.51).

Entretanto, dada a realidade a qual estamos inseridos, podemos evidenciar que a grande maioria de nós, frequentamos escolas onde o estilo de ensino aparentemente refletia uma única norma de experiência e pensamento, onde fomos guiados a crer que as oportunidades são igualitárias, para ambos os grupos, brancos ou não brancos. Ainda não distante dessa realidade, vivenciamos um “disfarce” do preconceito advindo desde a escravidão e está enraizado em nossa sociedade. Este preconceito acentuasse expressivamente quando se trata de gênero e raça.

No Brasil, desde a colonização, o preconceito racial e a violência, vem se difundindo, assumindo as formas do racismo contra o povo de tom de pele diferente dos europeus. Esse preconceito torna-se ainda mais evidente ao tratarmos da violência de gênero. Pois, mesmo tendo conquistado seu espaço na sociedade contemporânea e alguns direitos ao longo de sua constituição histórica, as mulheres ainda carregam amarras da dependência e subordinação de uma educação oriunda de um patriarcalismo racista e machista, assim, sendo submetidas a diversas formas de violência e discriminações.

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido. (Ritt; Cagliari; Costa, 2014, p.15).

Diante disso, discutir e buscar soluções para as contrariedades relacionadas aos diversos tipos de preconceitos sofridos diariamente por mulheres negras, será sempre necessário, pois, mesmo o Brasil sendo um país com formação populacional formada em grande parte por miscigenação, a violência, seja física ou simbólica, associada ao preconceito racial, alcança altos índices. Fazendo uma ressalva as batalhas enfrentadas por essas vozes femininas que por vezes são caladas mediante ao racismo estrutural<sup>2</sup>, salientamos a esta pesquisa uma notícia recentemente veiculada às redes sociais;

Às vésperas do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, a cidade de Salvador (BA) registrou um caso de racismo dentro do ambiente escolar. Uma professora de História do Colégio Vitória-Régia, no bairro Cabula, foi afastada de uma de suas turmas por abordar o livro de contos "Olhos D'água", da escritora mineira Conceição Evaristo.... A justificativa: parte dos alunos considerou a linguagem da obra imprópria. Os estudantes afirmaram que “não gostariam de lidar com uma dor que não é deles”. O caso vem se desdobrando desde setembro, mas ganhou repercussão na última sexta-feira (19), após a divulgação de uma nota de esclarecimento por parte da instituição.... (Uou, 2021, n.p.).

Dois anos após a denúncia sobre o racismo, a notícia veio novamente ao foco das mídias digitais, onde, segundo a professora Daniela Torres, afirma ter sido afastada de suas atividades após negar-se a redigir um pedido de desculpas e de mudar a pauta de suas aulas, para outra, intitulada de “racismo reverso<sup>3</sup>”. A

<sup>2</sup> O racismo estrutural é o racismo que está presente na própria estrutura social. Segundo esta concepção, o racismo não seria uma anormalidade ou “patologia”, mas o resultado normal da sociedade.

<sup>3</sup> A ideia presente no racismo reverso é uma variante infundada da leitura incorreta do que chamamos de racismo estrutura. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4791/3675>. Acesso em: 23 out. 2023.

professora, também, explica que até o momento não houve resolução do caso que foi judicializado.

O suposto episódio de racismo se deu após a docente apresentar a sua turma de primeiro ano a antologia *Olhos d'água* da escritora Conceição Evaristo, obra que explora a realidade, as lutas e as dores das mulheres negras no país. Ainda de acordo com a professora, os alunos se negaram a trabalhar com a obra e alegaram não precisarem “Lidar com uma dor que não seria deles”. E é dentro desta obra que encontrasse o conto “*Maria*”, objeto de análise que fundamentará o *corpus* deste trabalho.

Figura 01: Professora Daniela Torres  
(foto divulgada em suas redes sociais e meios que vinculam a notícia).



Fonte: Rocha (2023)

A antologia *Olhos d'água* foi premiada na categoria (conto) com o prêmio Jabuti de literatura no ano de 2015, possui 15 contos que tratam da pobreza, da desigualdade social, e da violência na vida de mulheres, negras, e de temas que abordam características do povo africano.

Dessa forma, esta pesquisa inclui-se numa gama de estudos sobre a violência, o preconceito e a subalternização da mulher negra, seguindo a análise da escrita da autora Conceição Evaristo. Tendo em vista a natureza do nosso objeto de estudo, a questão de pesquisa que lançamos sobre ele é: Como o contexto histórico influencia a violência e o preconceito enfrentados pelas mulheres afro-brasileiras, especialmente aquelas que são social e economicamente estigmatizadas, e por quais motivos a sociedade insiste em perpetuar essa violência racista, tanto de forma física quanto simbólica.

### 3 Maria Conceição Evaristo de Brito: trajetória bibliográfica

Maria Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo, escritora negra, contemporânea com carreira projetada internacionalmente, seus textos vêm ganhando leitores e críticos dia após dia. Evaristo identifica e enfatiza a existência de uma literatura afro-brasileira que dá voz à narrativa negra. Para a autora, as obras produzidas por escritores afro-brasileiros são profundamente influenciadas pelas suas experiências por suas bagagens ancestrais e de vida. A partir desse entendimento, ela desenvolve o conceito central de sua produção literária, denominado "escrivência", que se refere à escrita que emerge diretamente das vivências de suas vidas. Para ela, a escrita produzida por autoras afro-brasileiras também é marcada pelas vivências da mulher negra. Tomada deste princípio, elabora

o principal conceito de sua produção literária, a *escrevivência*, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência de negra no Brasil” (Oliveira, 2009, p. 622).

O ato de escrever sempre estará atrelado das vivências, sendo exposto pelo seguinte depoimento da autora:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e por ser esse ‘o meu corpo e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (Evaristo, 2009, p. 18).

Para dissertar acerca das experiências da autora, retoma-se aqui algumas reflexões do texto “*Conceição Evaristo: Aspectos Biográficos*”, encontrados na tese de doutorado de Omar Silva Lima, defendida na universidade de Brasília em 2009, onde são evidenciados dados biográficos marcantes, dados esses mostrados através de depoimentos inéditos da escritora.

Maria da Conceição Evaristo nasceu no dia 29 de novembro de 1946. Filha de Dona Joana e José. Quanto a esse pai biológico, a autora sabe pouco sobre ele, se vivo, morto ou desaparecido, e considera como sendo seu verdadeiro pai o senhor Aníbal Vitorino, casado com sua mãe. Aos sete anos, ela foi morar com a irmã mais velha de sua mãe, Maria Filomena da Silva (LIMA, 2009, p. 53-54).

O primeiro emprego de Conceição Evaristo foi como empregada doméstica, ainda criança. Em 1958, concluiu o ensino primário e venceria o concurso de redação com o título “por que me orgulho de ser brasileira?” vitória essa que foi seu primeiro prêmio de literatura. De acordo com Lima (2009), mesmo concordando com a qualidade de sua redação entre os docentes, existiu uma discordância quanto à entrega do prêmio devido a sua passagem pela instituição não ser vista como exemplar. Ao terminar o primário, ingressou no curso ginásial, atual ensino médio, onde teve que parar por diversas vezes. Conciliou seus estudos com o seu trabalho de doméstica, até a conclusão do curso normal do instituto de educação de Minas Gerais, em 1971, já com 25 anos de idade.

Em 1975, Conceição prestou concurso e se tornou professora do supletivo, no quadro de magistério na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão por cerca de dez anos. No ano seguinte, em 1976, prestou vestibular para o curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No mesmo ano, conheceu Oswaldo Santos de Brito, com quem se casou e teve uma única filha.

Foi no ano de 1990, que a autora ingressou na literatura com a publicação de poemas e contos na série *Cadernos Negros 13*, do grupo Quilombo hoje de São Paulo. A escritora conta com mais de dezessete publicações em suas páginas, entre 1990 e 2011, alternando entre contos e poemas. Os *Cadernos negros* foram imprescindíveis para difundir o trabalho de Conceição dentro e fora do Brasil (Tondo, 2018).

Mestra em Literatura Pela PUC-Rio, com a defesa do tema *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. O seu Doutorado em Literatura Comparada foi realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2011, tendo como tese de defesa, *Poemas Mulungus: Cânticos irmãos*. Aos 03 de dezembro de 2015, em São Paulo, recebeu o prêmio Jabuti de Literatura na categoria contos com a antologia *Olhos d’água*, no qual foi publicado o conto “Maria”, que será objeto de análise nesta pesquisa.

Em 2003, Evaristo lançou a tradução do seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, em Paris. As condecorações ao seu trabalho são muitas. Em 2017, a escritora foi homenageada pela Fundação Itaú Cultural na 34ª edição do programa

Ocupação, edição dedicada apenas à produção de mulheres que representavam a arte e a cultura nacional. A escritora mineira venceu na categoria Conjunto da Obra e tornou-se a primeira escritora negra a receber o prêmio desde que ele foi criado em 2007 (Tondo, 2018). Atualmente, Evaristo foi a vencedora do prêmio intelectual do ano - Troféu Juca Pato de 2023, organizado pela União Brasileira de Escritores (UBE).

Evaristo é pesquisadora na área de estudos Literários e seu objeto principal é a vertente negra feminina, por isso o conceito fundamental de sua produção literária como já mencionamos anteriormente é a “escrevivência”.

#### 4 A escrita e a vivência: A “escrevivência” de Conceição Evaristo

O Termo “*escrevivência*” é um neologismo<sup>4</sup>, criado pela escritora que de acordo com os autores Soares e Machado (2017), significa:

Contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Soares; Machado, 2017, p. 4)

As obras da autora abordam temas como a ancestralidade, gênero, preconceito, violências sociais, urbanas e domésticas, etnia e classe. Na construção de suas obras, sejam contos ou romances, Conceição Evaristo evidencia a violência em diversos aspectos, em especial, a violência por preconceito racial, de gênero e de classe evidenciadas no dia a dia da sociedade.

O estilo de produção literária da autora, a “*Escrevivência*”, surgiu de sua posição social e étnica racial. Como confirma o trecho da entrevista concedida por Conceição ao Jornalista Luís Nassif, do Jornal GGN (Grupo Gente Nova):

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também – diz Conceição. (Evaristo apud Nassif, 2016, p.1).

Conceição Evaristo transformou as suas vivências em matéria-prima para a construção de suas ficções. Os dados biográficos da autora expõem traços recorrentes, sejam em depoimentos pessoais ou ficcionais, com tudo, atrelados aos fatores sociais e econômicos vivenciados no interior de Minas Gerais, onde viveu parte de sua infância, e os laços familiares e afetivos. Às influências iniciais se somam a sua mudança para o Rio de Janeiro, o casamento, a maternidade, a viuvez, os problemas das periferias metropolitanas com a consequente desagregação social e a continuada pobreza, conforme apontam Duarte, Côrtes, e Pereira, (2018).

Conforme a autora (2009), a literatura afro-brasileira dá visibilidade a negros e mestiços, sobretudo mulheres, valoriza a etnicidade, uma vez que expõe a identidade negra das personagens, evidenciando os aspectos físicos e culturais, evidencia a inclusão, como também a exclusão sofrida por afrodescendentes no Brasil. Assim, é imprescindível que a literatura afro-brasileira se torne cada vez mais conhecida, por

<sup>4</sup> Nome que se dá a uma palavra recém-criada ou a uma palavra já existente que adquire um novo significado. Assim, algumas vezes acabamos criando uma palavra ou dando outro sentido a uma já existente, com o intuito de expressar nossos pensamentos.

Disponível em: [brasilecola.uol.com.br/portugues/neologismo.htm](https://brasilecola.uol.com.br/portugues/neologismo.htm). Acesso em: 22 out. 2023.



trazer este discurso que não estereotipa a população negra, partindo das considerações de Homi Bhabha (1998), para esse teórico:

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentimento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que é experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente *objets d'art* ou para além da canonização da ideia de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (Bhabha, 1998, p. 240).

Ao expor que é com aqueles que vivenciaram a subjugação, dominação e posicionamento que aprenderam lições valiosas, Bhabha destaca a riqueza das narrativas afro-brasileiras, que carregam em si o peso da diáspora e da resistência. A marginalidade social, longe de ser um mero detalhe, torna-se o epicentro de uma transformação crítica, desafiando conceitos propostos e canônicos de estética e cultura.

Nesse contexto, podemos pontuar que a escrita de Evaristo não é apenas uma expressão artística, mas um ato político e de sobrevivência, que busca, através de seu contexto simbólico, e vivencial, conferir sentido, valor e individualidade a suas obras.

. Através de suas obras, enriquece o acervo existente na literatura afro-brasileira por tornar público a voz feminina, negra, historicamente silenciada, que por anos reivindicam seu espaço, mostrando que a cultura é, acima de tudo, um campo em constante construção e disputa.

#### 4.1 Literatura Afro-brasileira e a escrita Feminina

A Literatura Afro-Brasileira, ao longo dos séculos, emerge como uma voz ressonante que traduz as experiências, desafios e resistências dos afrodescendentes no Brasil. Essa literatura, intrinsecamente entrelaçada com a diáspora africana e as complexidades do pós-colonialismo, atua não apenas como um espelho das vivências da população negra, mas também como uma ferramenta crítica que desafia e confronta os sistemas dominantes de poder e representação.

No seio desse universo literário, pode-se destacar a representação da escrita feminina afro-brasileira, uma subcorrente que, por vezes, é eclipsada, mas que carrega em si uma carga de sentimentos, perspectivas e narrativas que retratam as realidades específicas das mulheres negras no Brasil. Eles escrevem não apenas sobre a ancestralidade e tradições, mas também sobre os debates diários, entrelaçando em temas de gênero, classe e raça.

A esse respeito a autora Luiza Lobo (2007), pontua que:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto

objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (Lobo, 2007, p. 315).

A literatura, em sua essência, é uma representação da voz humana, e a preservação dessa voz é fundamental para que narrativas, culturas e histórias se perpetuem e sejam validadas no imaginário coletivo. No entanto, num país tão vasto e diversificado como o Brasil, observa-se uma longa trajetória de marginalização de certos grupos e vozes, especialmente aquelas que se originaram dos interstícios da diáspora africana.

Dentre essas vozes, a escrita de autoria feminina negra, muitas vezes relegada à periferia da canonização literária, emerge não apenas como um grito de resistência, mas também como um potente atestado da complexidade e riqueza das vivências das mulheres negras no Brasil.

Conforme Duarte (2023), a criação literária de mulheres negras manifesta ideias e experiências que enaltecem e dignificam a identidade da mulher afro-brasileira, destacando sua capacidade e aspirações. Tais obras são emblemáticas da subjetividade afro, favorecendo o engajamento político nas obras literárias. Ao longo da história, as contribuições literárias das mulheres negras foram, em muitos momentos, invisibilizadas, tendo seu valor, muitas vezes, diluído ou ignorados diante da hegemonia de vozes dominantes.

No entanto, entender a relevância da escrita feminina negra na literatura afro-brasileira é compreender a necessidade de salientar histórias, sentimentos, lutas e triunfos que são essenciais para a compreensão completa da tapeçaria sociocultural brasileira. Essa escrita, profundamente enraizada nas experiências coletivas e individuais de mulheres negras, oferece perspectivas singulares, desafiando estereótipos, quebrando silêncios e propondo uma reconfiguração do cânone literário. Assim, ao trazermos ao centro do debate acadêmico a importância dessa autoria, não estamos apenas registrando um patrimônio literário de valor inestimável, mas também reivindicando o espaço e a voz das mulheres negras na construção contínua da identidade e da cultura brasileiras.

Nesse contexto a autora Jeovânia Pinheiro do Nascimento (Cena, 2003), salienta que:

É muito mais difícil conseguir espaço pra quem é negro, e se é mulher e é negra, é mais difícil ainda, você vai ter mais dificuldade ainda, porque vivemos em uma sociedade machista e racista, então é a luta diária para ser você mesmo, e ao mesmo tempo, para conseguir desenvolver o seu trabalho, e que lhe respeitem para que você não seja vista apenas como objeto..." (Cena, 2023, n.p.).

E, dentre essas vozes femininas, destacamos Maria da Conceição Evaristo de Brito. Suas obras lançam luz sobre as feridas do preconceito, da subalternização e da violência, ao mesmo tempo que celebra a resistência e a resiliência, a busca pela afirmação e reconhecimento.

A escrita de Evaristo, trazida de lirismo e profundidade, nos convida a refletir sobre as intrincadas camadas da sociedade brasileira, onde a negritude e a feminilidade se encontram simultaneamente em confronto com o tecido cultural mais amplo do país.

## 4.2 Violência de Gênero e Preconceito Étnico-Racial

A violência de gênero, aqui enfatizada como a violência contra as mulheres, é um problema de nível global que afeta mulheres de todas as idades, classes socioeconômicas e de todas as origens étnicas.

A violência de gênero pode manifestar-se de diversas maneiras, violência doméstica, violência sexual, violência psicológica, tráfico de seres humanos, violência moral, patrimonial, assédio no ambiente de trabalho, agressões físicas e verbais e demais que causem desconforto e danos a vítima.

De acordo com a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde),

a violência contra a mulher no âmbito doméstico tem sido documentada em todos os países e ambientes socioeconômicos e as evidências existentes indicam que seu alcance é muito maior do que se supunha (OPAS, 1998, n.p.).

A violência contra as mulheres deixa marcas que muitas vezes não são visíveis, principalmente quando enfatizamos a violência doméstica, e isso, não significa que não sejam graves e danosas a vítima, as dependências financeira e emocional contribuem para que essas mulheres sejam cativas de espaços de “poder e pertencimento”, assim como de poder de fala.

Bourdieu (2002), diz que essa violência, também chamada de violência simbólica, trata de atingir as mulheres no âmbito do seu comportamento, atingindo suas vidas no sentido que estão levadas a se privarem de amizades, atitudes, conversas. Em suma, de viverem livremente de acordo com sua vontade e direito.

Neste sentido, o desejo de dominância do homem, vai muito além de possuir um bem material, ele deseja possuir outro ser, para assim, demonstrar sua força e virilidade, como sendo sexo superior, ele tem que apresentar seus troféus de caça, e esses devem estar submetidos a sua vontade, quando não, o mesmo, tende a usar de força bruta e violência das mais diversas formas para estabelecer sua soberania.

Corroborando com essa perspectiva, a autora Queiroz, (2008), pontua que:

[...] a violência contra a mulher é praticada pelo homem para dominá-la e não para eliminá-la fisicamente. A intenção masculina é possuí-la, é tê-la como sua propriedade, determinar o que ela deve fazer, pensar, desejar. [...] a violência deseja a sujeição consentida ou a supressão midiaticizada pela vontade do outro que consente em ser suprimido na sua diferença. (Queiroz, 2008, p. 57)

Vale enfatizar que diferente das outras violências presentes em nossa sociedade, a violência contra a mulher é na maioria das vezes praticada por pessoas próximas à vítima, pessoas com quem ela compartilha espaços íntimos de relação, pai, irmãos, namorado, marido, pessoa essas que muitas vezes possuem um domínio sobre ela no que diz respeito a questões financeiras e/ou emocionais.

A dinâmica de violência sofre alterações quando recebe a carga pesada do racismo como seu articulador e ferramenta de domínio. As barreiras que a mulher negra vivencia desde o período Colonial são agravadas pelo fator da cor de sua pele.

O racismo e o sexismo, unem-se na construção da violência contra a mulher negra, mulher esta que foi utilizada como parâmetro de imoralidade, sexualização e desumanização, tendo seus corpos feridos e violados das mais diversas formas que se pode imaginar.

Entender o racismo é fundamental para compreender alguns dos problemas vivenciados por mulheres afro-brasileiras na sociedade, tais como a discriminação, a

marginalização, a sexualização exacerbada do seu corpo, dentre outros, são alguns dos conflitos enfrentados diariamente por essas mulheres.

Essa condicional vem servindo de parâmetro desde a época colonial para separar, suprimir, ferir e matar uma classe inteira de pessoas.

Para Almeida, esse parâmetro é visto da seguinte maneira:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para individuais, a depender do grupo raça ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p. 25).

Desde o período de colonização a mulher negra tem ocupado espaço de pertencimento ao outro, de corpo sem mente ou alma, as mulheres como gênero passaram por situações terríveis, que quando vinculadas ao racismo tem seu quadro agravado. Sobre o período escravista, Bell Hooks (1995) afirma o seguinte:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (Hooks, 1995, p. 469).

Assim afirmando o corpo negro, como o corpo da cor do pecado, sexualizado, desejado para o ato sexual, pois eram "expertas no sexo", contudo visto sem outras qualidades.

Ao corpo feminino branco, foi também dado o pertencimento aos homens, contudo estes homens estão ligados exclusivamente a família, e dados ao cuidado, cabe ao homem (pai, irmão, marido) proteger este corpo.

Sendo o mesmo um patrimônio para o pai quando donzela, e protegido pelo marido quando casados, ambas vítimas do patriarcado e do sexismo, mas, quando aplicada a realidade do racismo, o corpo negro transpõe o espaço da sexualização e erotização.

Já no que se refere ao sexismo, a violência contra a mulher vem acontecendo há muito tempo, concordando-se com a perspectiva seguinte:

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido. (Ritt, Cagliari, Costa, 2014, p.15).

A citação de Ritt, Cagliari e Costa (2014) lança luz sobre a persistente e histórica subjugação das mulheres, evidenciando a profundidade e a longevidade deste problema. Essa caracterização da mulher como um ser sem expressão reflete não apenas a negação de sua individualidade, mas também da opressão estrutural e sistemática que as persegue ao longo dos séculos.

Essa transição da autoridade do pai para o marido ilustra a contínua privação de autonomia feminina, independentemente da fase da vida. Este trecho ressalta a necessidade de descrever e abordar a violência de gênero como um problema enraizado na história, na cultura, e não apenas como um fenômeno contemporâneo.

Até os dias atuais temos fragmentos destas falas, enquanto ainda temos o sexismo sobre o corpo da mulher branca, temos como agravante o racismo sobre o corpo da mulher negra.

Podemos observar essas marcas no mercado de trabalho e na mídia, temos mulheres brancas ocupando espaços de poder, intelectualizados e vistos como belos, enquanto o corpo negro é visto como sem capacidades para ocupar lugar de visibilidade, de intelectualização.

Nessa perspectiva, Conceição Evaristo (2009), citando Cuti (2010) observa que:

A pouca presença de personagens negros na literatura brasileira, em relação à imensa gama de personagens brancos, com seus papéis de protagonistas da história, Cuti (...) afirma que a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço”. (Evaristo, 2009, p.20).

A mídia por muita das vezes mostra essa diferença étnica, as mulheres de pele branca ocupando lugares de destaque, enquanto as negras ocupam o lugar de coadjuvantes e inferiorizadas, como: empregadas, residente de periferia, ocupando lugares de prostituição, uso de entorpecentes e tantos outros que marginalizam, objetificam e reduzem o *status* de humanidade delas. Tivemos grandes avanços, podemos verificar que muito raramente vemos esses corpos tomando espaços que lhe pertencem, entretanto, ainda minimamente.

#### 4.3 “Maria” e a Representatividade da Violência contra a Mulher Negra

No Brasil, desde a sua colonização, entre os séculos XVI e XIX é evidenciado um notório índice de violência racial, e vem se propagando, tem aumentado significativamente e feito inúmeras vítimas.

Devido ao êxodo rural<sup>5</sup> No decorrer dos anos as grandes cidades brasileiras têm apresentado uma numerosa população, onde a maioria delas não possui a infraestrutura necessária para comportar essas famílias e proporcioná-las acesso aos direitos básicos de todo ser humano, moradia digna, alimentação, emprego e saúde. Dessa maneira, o crescimento populacional desenfreado tem desencadeado graves problemas sociais.

Os meios de comunicação noticiam diariamente o crescimento da violência nas cidades brasileiras, que se manifestam de diversas formas. Dentre essas, pode-se apontar que grande parte dos atos de violência são originados por preconceito racial. Preconceito esse que está enraizado, perpassado de geração em geração.

Se tratando de racismo e preconceito adquirido, Willians Junior (1996) deixa a seguinte contribuição:

Uma vez formado um preconceito como um complexo conjunto de crenças, valores e sentimentos, ele pode difundir-se e tornar-se normativo numa população por meio da socialização e do conformismo. Por meio da

<sup>5</sup> Êxodo rural é o processo de migração de pessoas do campo para a cidade.  
em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/exodo-rural.htm/2023>. acesso 19 out.2023.

doutrinação e do exemplo, as crianças aprendem os preconceitos como parte do repertório cultural, o qual é absorvido em família e em outros grupos a que pertencem (Apud Carvalho et al, 2012, p. 150).

No Brasil, desde o seu descobrimento e evidenciado um notório índice de violência racial, e vem se propagando, tem aumentado significativamente e feito inúmeras vítimas.

Devido ao êxodo rural, no decorrer dos anos as grandes cidades brasileiras têm apresentado uma numerosa população, onde a maioria delas não possui a infraestrutura necessária para comportar essas famílias e proporcioná-las acesso aos direitos básicos de todo ser humano, moradia digna, alimentação, emprego e saúde. Dessa maneira, o crescimento populacional desenfreado tem desencadeado graves problemas sociais.

Os meios de comunicação noticiam diariamente o crescimento da violência nas cidades brasileiras, que se manifestam de diversas formas. Dentre essas, pode-se apontar que grande parte dos atos de violência são originados por preconceito racial. Preconceito esse que está enraizado, perpassado de geração em geração.

De acordo com Willians Junior (1996), no que se refere ao racismo e ao preconceito adquirido a ficção destacada apresenta Maria, uma personagem negra, favelada, empregada doméstica e de classe baixa, que desde o princípio sofre as mais diversas violências que a vida pode proporcionar, falta de acesso a espaços de poder e lazer, alimentação digna, saúde e educação de qualidade.

No conto, a personagem está indo para casa, levando os restos de alimento da casa da patroa, alimentos estes que provavelmente iriam para o lixo, como enfatiza no trecho que aborda sobre os ossos de pernil que iriam ser descartados, embora não sendo o melhor dos cenários, a personagem estava feliz, apesar do cansaço.

No início do texto, temos a personagem em pé na parada do ônibus a mais de meia hora, cansada de esperar, mas, já imaginando que teria que se acostumar com mais isso, pois, brevemente teria que fazer o trajeto até sua casa a pé, pois, logo mais a passagem do ônibus iria aumentar seu valor.

Em “Maria”, ocorre a subalternização da mulher negra na personagem, como se pode ler no trecho:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2010, p.24).

Nesse trecho podemos observar que o narrador discorre seus pensamentos, contudo, sua voz não é ouvida, a subalternização dela lhe tira o espaço de poder e fala.

A questão da subalternização da mulher em espaço colonial com a teórica indiana Spivak, afirma em seu livro *Pode o subalterno falar?* Expõe a questão de maneira pontual e chama a atenção das sociedades que se dizem descolonizadas e

ainda se pautam na violência a mulher e a outros grupos historicamente negacionados:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de prioridade global. A representação não definiu. A mulher intelectual como intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (Spivak, 2010, p. 126).

A discussão entre as literaturas aqui convocadas se pauta nessa reflexão e passa a ser também uma análise das representações de tipos sociais marginalizados e subalternizados observados na ficção, e refletem no cotidiano da sociedade, com ênfase nas mulheres como Maria, à margem da sociedade.

É um tanto assustador perceber o racismo escancarado na sociedade brasileira, levando em conta que temos a maior população negra fora do continente africano, que temos 54% da população composta por negros, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e Estatística) de 2020. Esse fenômeno pode ser explicado pelo percurso de construção histórica de nosso país, o racismo estrutural e velado é a manifestação da exclusão desses sujeitos aos espaços de poder.

Maria é um desses sujeitos, que tiveram suas vidas ceifadas desde o nascimento, pelo simples fato de a cor de sua pele não coincidir com a cor do colonizador.

A personagem está cansada, mas será apenas da espera e do trajeto, tem consigo sacolas com as coisas que ganhou da patroa, mas quantas outras sacolas de vivência traz consigo? “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (Evaristo, 2016, p. 40).

O trecho finalizado com a afirmação que a faca a laser corta até a vida, evidencia o desconforto da personagem no manuseio do instrumento, nas entrelinhas, podemos também supor que o uso e corte na mão por meio da faca para satisfazer o desejo da patroa e de seus convidados, correlaciona se com o fato de estar fadada a uma existência precária, no qual o seu corpo não pertence a si, mas aqueles que pagam para que trabalhe. O texto *O trabalho doméstico no Brasil corrobora* com a descrição deste cenário:

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...] (Souza, 2013, p. 67).

Já neste início do texto observamos a subalternização de Maria, onde vale apenas sua mão de obra, sem poder de fala, executando um ofício que lhe tira a autonomia, sendo apenas uma ferramenta, um produto. A faca que lhe corta a mão poderia ser vista como a “faca” da marginalização, da miséria, do preconceito e da invisibilidade que lhe tira o poder de escolha, de decisão sobre sua própria existência.

Em seguida, no texto, o ônibus chega, Maria entra, observa a presença de um homem, um outro passageiro, que faz sinal ao cobrador e paga a passagem de Maria. O passageiro é o ex-marido da personagem principal, pai de seu filho, apresentava poucas mudanças, continuava bonito como Maria afirma em seus pensamentos. Percebemos aqui que Maria é uma mãe solo, sem a presença do pai da criança para

auxiliar na criação e sustento da casa, o que é a realidade de muitas famílias brasileiras de periferia. O ex-companheiro de Maria pergunta pelo filho, afirmando estar com saudade, que não tinha outra pessoa em sua vida, e pergunta sobre ela, se tivera outros filhos, companheiros. Maria aqui abaixa os olhos, como quem pede desculpas, por vergonha ou constrangimento, tivera outros dois filhos, e ficava ocasionalmente com outros homens, mas sem relacionamentos fixos.

O que nos parece ser um pensamento da personagem, vem da seguinte frase: “Era tão difícil ficar sozinha!” (Evaristo, 2016, p. 40), o que nos mostra a solidão da mulher negra, a solidão de Maria, que não resulta de uma escolha, mas imposta a ela pelas relações que tem, e pela sociedade marcada por desigualdade e racismo.

No trecho que o ex-companheiro questiona Marina sobre ter filhos e seus relacionamentos, podemos perceber a sexualização e a percepção de que o corpo da mulher negra pertence a outros, um controle de afetividade, corpo e sexualidade da personagem, com ênfase na pergunta do ex-companheiro: “Você já teve outros... outros filhos?” (Evaristo, 2016, p. 40).

Ela pergunta, como quem espera, uma confissão das experiências sexuais e afetivas de uma pessoa com quem não tem nenhum envolvimento concreto, que foi possivelmente abandonada por ele.

Mais adiante no texto, o ex-companheiro de Maria causa uma ruptura de seu comportamento anteriormente estático, fixo no banco, levantando-se, sacando uma arma e anunciando um assalto.

O que antes era uma conversa calma, dá lugar a tensão causada pelo anúncio do assalto. Agora, Maria não teme a morte, mas a vida. Afirma o texto: “O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?” (Evaristo, 2016, p. 41). O trecho apresenta a preocupação de Maria, diante das condições precária da vida dos jovens negros no país, o filho seria um reflexo do pai? Estaria fadado a percorrer o mesmo caminho do pai? Passaria por situações precárias como a mãe? Contudo, o pior vem quando o comparsa de assalto do seu ex-companheiro passa e não lhe pede nada, mas recolhe objetos dos outros passageiros, o que antes já havia sido selado, agora, concretizar-se-ia, contudo, pensou o que teria a oferecer, uma personagem que já não tinha praticamente nada. O que a personagem leva consigo, são apenas sobras das riquezas alheias. Quando os assaltantes descem do ônibus, inicia-se o cenário final de Maria.

O fim da personagem é iniciado por uma voz solitária que rompe em meio aos passageiros, foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (Evaristo, 2016, p. 41). Aqui inicia-se a execução de Maria, uma mulher negra, favelada, que viveu à margem da sociedade, sociedade esta que em coletivo agora a executaria. Reconhecendo em Maria semelhança com os assaltantes, viram ela conversar com um deles que pagou sua passagem, o que mais precisavam? Aqui tomaram suas verdades a respeito de Maria, como subalternizada não tivera espaço de fala, de defesa, não tinha poder algum.

Maria estava fadada desde o princípio, estava diante das condições impostas pelo tríplice eixo de sua vida, raça-classe-gênero, era mulher, negra e pobre, não tinha defesa para a personagem, Maria tornara-se indignada das poucas vozes que tentaram lhe defender, no tocante, que são ignoradas ou refutadas, onde as afirmações de negra safada, puta, são repetidas. A voz que rompeu com o silêncio pós-assalto, agora levantou-se e foi até Maria, deferindo-lhe um tapa no rosto, o corpo de Maria mais uma vez não lhe pertencia, alguém grita: “Lincha! Lincha!” (Evaristo, 2016, p. 42). Iniciam-se as agressões coletivas contra Maria, sangrando pelo nariz e



ouvidos, sacola rasgada, frutas espalhadas, o melão que seus filhos não tiveram a oportunidade de provar.

Maria teve seu fim, pela precarização imposta a ela pelo racismo e sexismo, enquanto negra, pobre e mulher, lhe fora negado acesso a espaços de poder, conhecimento, condições mínimas de viver com qualidade e dignidade. Sua trajetória finalizou “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (Evaristo, 2016, p. 42). O Corpo pisoteado, é a imagem do que foi infligido a Maria desde o início do texto. Sonhos, relacionamentos, oportunidades, mão, tudo cortado por uma faca a laser que corta até a vida!

### 4.3.1 Violência Física

A violência contra a mulher é um problema enraizado na história, tendo suas origens nos primórdios da civilização. Desde os tempos mais antigos, (4000 a.C. a 3500 a.C.), a mulher foi relegada a um papel secundário na sociedade, sendo percebida principalmente como reprodutora e esposa.

Esta visão limitada e discriminatória se manifestava em diversas esferas da vida cotidiana. Por exemplo, no contexto civil, uma mulher casada só poderia cumprir certos atos com a autorização de seu marido, evidenciando a predominância do pátrio poder sobre ela.

Como apontam os autores Perbon e Vaucher (2013), no ambiente de trabalho, a situação não era diferente: as mulheres eram frequentemente exploradas, sendo submetidas a jornadas exaustivas de até 16 horas por dia e, ainda assim, recebendo remunerações menores que os homens.

Esta realidade alarmante levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a reconhecer a violência contra a mulher não apenas como uma grave violação dos direitos humanos - incluindo o direito à vida, liberdade, autonomia, segurança, igualdade, e a garantia contra tratamentos degradantes ou tortura - mas também como um problema de saúde pública. A ONU (Onu apud Wendland, 2012) destaca ainda a importância de se respeitar o direito à privacidade e à saúde das mulheres.

Contribuindo com esse posicionamento, as autoras Costa, Lopes e Soares (2015) acrescentam que:

A violência contra as mulheres, compreendida como violência de gênero, sucedida em uma situação de desigualdades de gênero sustentadas por modelo dominante, em que as concepções dominantes de feminilidade e masculinidade configuram-se, a partir de disputas simbólicas e materiais, processados nos diversos espaços sociais: a família, a escola, a igreja, a sociedade, entre outros [...] (Costa; Lopes; Soares, 2015, p. 2).

Neste momento, fundamentados na Lei n.º 11.340 de 7 de agosto de 2006, (Brasil, 2006), mais conhecida como Lei Maria da Penha, podemos estabelecer o que é violência física: No artigo 7º desta Lei, aparecem algumas definições de violência:

Conforme o Diário Oficial da República Federativa do Brasil (2006), A violência doméstica e familiar contra a mulher pode manifestar-se de diversas maneiras, incluindo agressões físicas, danos emocionais, coerções sexuais e restrições patrimoniais. Essas formas de violência podem abranger desde ofensas à integridade física até ações que prejudicam a saúde psicológica e a autodeterminação da mulher. Além disso, condutas que visam controlar ou limitar os direitos sexuais, reprodutivos e econômicos da mulher também são consideradas formas de violência. Tais práticas,

que incluem desde a retenção de bens até a difamação, são inaceitáveis e representam uma grave violação dos direitos das mulheres.

Esta Lei surgiu na tentativa de coibir a violência doméstica, e de proteger as vítimas após a denúncia aos órgãos competentes, tem avançado significativamente neste sentido, entretanto ainda existem muitas falhas na execução adequada das leis de proteção a essas mulheres, pois todos os dias no Brasil alguma mulher é vítima dessa violência implacável. E o que é ainda pior, muitas com o respaldo judicial ao qual deveriam estar protegidas.

#### **4.3.2 Violência Simbólica**

De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a violência simbólica é um conceito social que trata de uma forma de violência exercida sem coação física, que causam danos morais e psicológicos. Trata-se de um método coercitivo fundamentado no reconhecimento de uma determinada imposição, seja ela de natureza econômica, social, cultural, institucional ou simbólica como apontam Andrade e Rocha (2007, n. p).

A violência simbólica é fundamentada na constante construção de convicção durante o processo de socialização. Essas afirmações levam o sujeito a situar-se no espaço social de acordo com os parâmetros e critérios impostos pelo discurso dominante. Esse posicionamento não ocorre de forma solicitada, mas é fruto do reconhecimento e da internalização desse discurso dominante pelo sujeito. Para Bourdieu, a violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico, aponta Miranda (2005).

A violência simbólica, é um termo cujo significado e definição são amplamente debatidos nas ciências sociais, refere-se, em um sentido amplo, a um dano moral infligido às pessoas que, eventualmente, se manifestam fisicamente devido a um processo de dominação refletido no contexto socioeconômico.

Esta forma de violência, inicialmente, está ligada aos domínios verbais e sociais, materializando-se através da facilidade e reprodução de seus signos nas interações humanas reais, na ótica de Machado e Santos (2017). No entanto, é importante considerar a perspectiva de Randall Collins, citado por Silva e Oliveira (2017), que critica a noção, argumentando que “a violência simbólica é um mero jogo de palavras teóricas e levá-lo literalmente mal interpreta a natureza da violência real”, ou seja, a violência simbólica, embora seja um conceito teórico, não deve ser confundida ou interpretada literalmente como uma manifestação da violência concreta.

Assim, Conceição Evaristo traz a evidência do realismo do dia a dia de milhares de mulheres que tem de enfrentar essas situações, a personagem “Maria” sofrem de violências, tanto simbólicas, quanto física e verbal, podemos dizer que violência simbólica tem sua origem na hierarquia masculina, que ao posicionar como sexo dominante, não aceitaria a autoafirmação feminina.

#### **4.3.3 A Violência física e simbólica – Uma análise do conto “Maria”**

Nos tópicos acima, foram analisadas as violências físicas e simbólicas sofridas pela personagem Maria, o qual respectivamente trata de uma mulher negra, mãe solteira, moradora de uma periferia. No que se refere a personagem, a narrativa

evidencia que a condição de mulher da personagem a torna frágil e vulnerável à dominação, por seus patrões, pelo pai de seus filhos e principalmente pela sociedade.

Observa-se também a violência simbólica sofrida por Maria em seu trabalho, junto aos seus patrões. Para Bourdieu, a violência simbólica está ligada ao exercício do poder simbólico. “O poder de impor-se mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários – embora ignorados como tais da realidade social” (Bourdieu, 2017, p. 32).

Analisar a representação da violência contra a mulher negra no conto Maria, com base na Lei Maria da Penha, evidencia que a personagem sofreu diversas formas de violência, a física, mesmo sendo inocente foi assassinada, a psicológica, em sua condição social e a violência moral, subjugada, humilhada e transgredida.

Conforme previsto na Legislação Brasileira de 2006, a violência contra a mulher manifesta-se de diversas maneiras, não se limitando apenas a agressões físicas.

A lei proíbe a violência física como qualquer ação que prejudique a integridade ou a saúde da mulher. Além disso, a violência psicológica é caracterizada por condutas que causam danos emocionais, diminuem a autoestima da vítima ou buscam controlar suas decisões e comportamentos, utilizando-se de meios como ameaças, humilhações e isolamento.

Essas definições demonstram a preocupação em abordar a complexidade e a natureza multifacetada da violência contra a mulher, garantindo sua proteção em diversas esferas da vida

Inevitavelmente Maria, mesmo sendo inocente das acusações, padece das cruéis violências sociais e físicas a ela imposta. Dentre elas as principais, a violência moral, que mata a alma e a violência física, assassinando o seu corpo.

Segundo a lei de n.º 11.340/06 – Lei Maria da Penha, é configurada violência moral qualquer procedimento que sugira, difamação, calúnia e injúria. E podemos identificar que a personagem passou por todas elas ao ser verbalmente agredida com palavras ofensivas “Aquela puta” e “aquela negra safada”, Maria foi condenada por uma sociedade preconceituosa, que podemos supor serem da mesma classe social, porém essas pessoas ainda consideram o negro como sendo um ser inferior.

## **5 Considerações Finais**

Ao analisar as formas de violências física, simbólica e a marginalização da figura feminina no conto “Maria” podemos perceber o preconceito contra a mulher negra como um fator assustador na sociedade, conhecer e refletir sobre a questão dessa violência, suas representações e implicações, é de extrema importância para o combate desta prática, perceber a sociedade como elitista, racista e misógina é o primeiro passo para a construção de uma sociedade melhor.

Ainda podemos ressaltar que as formas de violência sofrida pela ficcional, é semelhante, um retrato das muitas “Marias” existentes na sociedade brasileira, mulheres essas que necessitam deixar seus filhos e se deslocarem para outros lugares em busca de trabalho e sustento, mulheres que diariamente são vítimas da violência, da discriminação e da subalternização de uma ancestralidade racista.

Os abusos que os corpos femininos e negros sofrem em decorrência da construção da sociedade sobre alicerces patriarcais e racistas são graves e no mínimo prejudiciais para a convivência plena da sociedade, o racismo e a misoginia contribuem para uma centralização do poder, direito e dignidade, negando a uma grande parcela de indivíduos acesso a coisas mínimas para sua existência.

A concepção da ideia de superioridade étnico-racial, é equivocada e contribui para o cenário de agressões vividas pela maioria das mulheres negras do Brasil. A subalternização destes indivíduos infere na negação ao acesso a espaços de poder, privando-os de uma vida digna e segura.

Embora livre da influência direta do colonizador, a sociedade brasileira herdou aspectos alarmantes de sua construção, a tomada da mulher como sujeito de pertencimento, de corpo que o outro pode apropriar-se é no mínimo antiquado.

A partir do levantamento bibliográfico ficou evidente a importância da temática aqui trabalhada e isso confirma a necessidade de educar para o antirracismo, não ser racista não é o suficiente, ao perceber Maria não como personagem ficcional, mas sim, como as diversas cidadãs brasileiras, com a mulher da rua de cima, sua vizinha ou mesmo alguma parente sua, pode-se ter dimensão do quão alarmante ainda é a situação em que vivem.

É necessário que essas vozes se façam ouvir, que ecoem ainda mais alto, não somente das mulheres negras, mas de toda uma raça, de todo um gênero, é necessário que nós, mulheres, assumamos o papel de verdadeira “resistência”, viver para nós requer muita ousadia.

Retomando a contextualização inicial, faz-se necessário reafirmar que mesmo sendo um país “multiculturalista” é necessário apontar que em meio ao cenário político e social, a qual estamos inseridos, torna-se fundamental que busquemos diariamente pela verdadeira valorização as diversidades de pensamentos, de culturas e de raças. E para isso é de suma importância o aprimoramento de alunos e docentes, conduzindo os desdobramentos mais profundos do que inicialmente previsto.

Embora a mudança pretendida para que a sociedade permaneça como um horizonte distante, é inegável que os instrumentos de transformações estejam se aperfeiçoando e ganhando maior visibilidade. Nesse contexto, com base nas observações feitas até agora, é possível afirmar que a literatura emerge como uma dessas poderosas ferramentas de mudança.

Entretanto, para que uma real mudança aconteça, se faz necessário que os poderes públicos, sociais e políticos estejam verdadeiramente engajados, para o desenvolvimento e cumprimento de políticas públicas efetivas neste sentido. Para isso, faz-se necessário que tenhamos a consciência de exercer o nosso papel de cidadãos em fiscalizar e cobrar de quem estamos colocando a frente da nossa sociedade.

Assim, concluímos aqui a necessidade em pesquisar acerca da violência de gênero e raça baseando-se nas palavras de Hooks, (2013) “Hoje em dia, o número de brancas que pautam sua produção acadêmica por um ponto de vista feminista que inclui a raça é muito maior que o negro”.

Não sou raça, mas sou descendente do gênero, não sou negra de pele, mas sou de sangue, sou de alma e de resistência.

## 6 Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL, Lei 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Câmara dos deputados.. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 7 ago. 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm) Acesso em: 20 out. 2023.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 6ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanista, 2006.

**CENA preta - Jovânia P.** produção: TV Cidade João Pessoa. Intérprete: Jovânia P. Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3i1pQvVKLWI>. Acesso em: 17 out. 2023.

COSTA, Marta Cocco da; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. **Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 19(1) Jan./Mar. 2015. Disponível em: [https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/24980/1/PB\\_COLET\\_2019\\_2\\_10.pdf](https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/24980/1/PB_COLET_2019_2_10.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: Antologia Crítica. Minas Gerais: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. "**Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**". SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6160270.pdf>. Acesso em: 17 out. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021

GUITARRARA, Paloma. "Êxodo rural". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/exodo-rural.htm>. Acesso em: 30 out. 2023.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, v. 3, n. 2, pág. 464, 1995.

LIMA, Omar da Silva, **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Departamento de teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:

[http://repositório.unb.br/bitstream/140482/4137/1/2009\\_Omardasilvalima.pdf](http://repositório.unb.br/bitstream/140482/4137/1/2009_Omardasilvalima.pdf).

Acesso em: 20 maio 2023.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

NASSIF, Luís. A vida e a obra de Conceição Evaristo. Cultura. **GGN – O Jornal de Todos os Brasis**. 11-07-2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/literatura/a-vida-e-a-obra-de-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “**Escrevivência**” em **becos da memória, de Conceição Evaristo**. *Estudos Feministas*, Florianópolis17(2): 344, maio-agosto/2009, p.621-623. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf> Acesso em: 10 fev. 2023.

OPAS — Organización Panamericana de la Salud. **Violencia contra la mujer: una prioridad de salud**. Washington: División de Salud y Reproductiva; División de Salud y Desarrollo Humano, 1998.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher**. Mossoró – RN: Edições UERN, 2008.

ROCHA, Adriane. “Vivo em um país racista”, diz Daniela Torres, professora demitida ao denunciar racismo e silenciamento após trabalhar livro de Conceição Evaristo em escola. **Portal Umbu**. Disponível em: <https://portalumbu.com.br/vivo-em-um-pais-racista-diz-daniela-torres-professora-demitida-ao-denunciar-racismo-e-silenciamento-apos-trabalhar-livro-de-conceicao-evaristo-em-escola/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. Violência contra a mulher compreendida como violência de gênero. **Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Mulher e Gênero da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIEM)**, Porto Alegre, 2009. Disponível em: [http://web.archive.org/web/20180814144416/http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo\\_violencide%20genero](http://web.archive.org/web/20180814144416/http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero). Acesso em: 02 nov. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SILVEIRA, Diogo. **O debate sobre o racismo reverso**. Rio branco. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4791/3675>. Acesso em: 23 out. 2023.

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras**. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_SilvaFC\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf) Acesso em: 20 out. 2023.

SOUZA, Claudenir de. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: 10 ago. 2023.

SPIVAK G.C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. Goulart, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.